

Depoimento de um aluno repetente norte-americano de 1944:

Não, eu não vou bem na escola. Este é o meu segundo ano no 7º ano e sou muito maior do que os outros alunos. No entanto, eles gostam de mim. Não falo muito nas aulas, mas fora das aulas sei ensinar-lhes muitas coisas. Eles estão sempre à minha volta e isso compensa tudo o que acontece na sala de aula. Eu não sei por que os professores não gostam de mim. Na verdade, eles nunca acreditam que nós sabemos alguma coisa, a não ser que se possa dizer o nome do livro onde aprendemos. Tenho vários livros lá em casa. Mas não costumo sentar-me e lê-los todos, como mandam fazer-nos na escola. Uso os meus livros quando quero descobrir alguma coisa. Por exemplo, quando a mãe compra alguma coisa em segunda mão e eu procuro no catálogo de compras dos supermercados para lhe dizer se foi enganada ou não. Sei usar o índice rapidamente para encontrar tudo o que quero. Mas, na escola, temos de aprender tudo o que está nos livros e eu não consigo memorizar. No ano passado, fiquei na escola depois das aulas, todos os dias, durante duas semanas, para tentar aprender os nomes dos presidentes. Claro que conhecia alguns, como Washington, Jefferson, Lincoln. Mas é preciso saber os 30 todos juntos e em ordem. E isso eu nunca sei. Também não ligo muito, pois os meninos que aprendem os nomes dos presidentes têm que aprender os nomes dos vices presidentes depois. Estou no 7º ano pela segunda vez, mas a professora agora não está muito interessada nos presidentes, ela quer é que aprendamos os nomes de todos os grandes inventores americanos. Acho que nunca conseguirei decorar nomes em História. Este ano comecei a aprender um pouco sobre camiões, porque o meu tio tem três e disse que posso conduzir um quando tiver 16 anos. Já aprendi bastante sobre como funciona o cavalo a vapor e as marchas de 26 marcas diferentes de camiões, alguns a diesel. É divertido saber como os motores a diesel funcionam. Comecei a falar sobre eles com a professora de Ciências, na 4ª feira passada, quando a bomba que estávamos a usar para obter vácuo aqueceu. Mas a professora disse que não via relação entre um motor a diesel e a nossa experiência sobre a pressão do ar. Fiquei calado. Mas os colegas pareceram gostar. Levei quatro deles à garagem do meu tio e vimos o mecânico desmontar um enorme camião a diesel. Como ele percebia daquilo! Eu também não sou forte em Geografia Económica. Durante toda a semana estudámos o

que o Chile importa e exporta, mas eu não sei nada de nada. Talvez porque faltei às aulas, pois o meu tio levou-me com ele numa viagem que ficava a mais ou menos 200 milhas de distância. Trouxemos duas toneladas de mercadorias de Chicago. Mas o meu tio tinha-me dito para onde estávamos a ir e eu tinha de indicar as entradas e as distâncias em milhas. Ele só conduzia o camião e virava à direita ou à esquerda quando eu mandava. Como foi bom! Parámos sete vezes e dirigimos mais de 500 milhas, ida e volta. Estou a tentar calcular o óleo e o desgaste do camião para ver quanto ganhámos. Eu costumo fazer as contas e escrever as cartas para todos os agricultores sobre os porcos e os bois que trazem. Houve apenas três erros em dezassete cartas e, diz a minha tia, só tinham problema de vírgulas. Se eu pudesse escrever composições assim bem... Mas, no outro dia, o assunto da composição na escola era: “O que a rosa leva da primavera”. E não deu... Também não dou para matemática. Parece que não consigo concentrar nos problemas. Um deles era assim: se um poste telefónico, com 57 pés de comprimento, cai atravessado numa estrada de modo que 17 pés sobrem de um lado e 14 de outro, qual a largura da estrada? Nem tentei responder, pois o problema não dizia se o poste tinha caído direito ou torto. Não sou bom em Artes Plásticas. Todos nós fizemos um prendedor de vassoura e um segurador de livros. Os meus foram péssimos. Também, não me interessei. A mãe não usa vassoura desde que tem um aspirador e todos os nossos livros estão dentro de uma estante com uma porta de vidro. Quis fazer uma fechadura para a caravana do meu tio, mas a professora não deixou, pois eu teria de trabalhar só com madeira. Assim, fiz essa parte de madeira na escola e o resto na garagem do tio. Ele disse que economizou mais ou menos 10 dólares com o meu presente. Moral e Cívica também é difícil! Fui ficando depois das aulas, para tentar aprender os artigos da Constituição. A professora disse que só poderíamos ser bons cidadãos se os soubéssemos. E eu quero ser um bom cidadão. Mas detestava ficar depois das aulas porque um grupo de meninos estava a limpar o quarteirão da esquina para fazer um parque infantil para as crianças do Lar Metodista. Eu até fiz um brinquedo para eles, usando canos velhos. Conseguimos jornais velhos para vender e o dinheiro que ganhámos deu para fazer uma cerca de arame à volta do parque. O pai disse que eu posso sair da escola quando fizer 15 anos. Estou mortinho para isso porque há um mundo de coisas que eu quero aprender a fazer e já estou a ficar velho” (STEPHEN, 1944 in Caldas, Roseli (2005). *Psicologia: Teoria e Prática*, 7(1): 21-33).